

## UM GÊNERO EMERGENTE EM QUADRINHOS: AS WEBCOMICS

BATISTA, Donizete Aparecido Professor da Faculdade Padre João Bagozzi\*

**RESUMO** - O presente trabalho visa discutir algumas posturas teórico-metodológicas em relação aos gêneros discursivos/textuais. Em um primeiro momento, faz-se necessário compreender os gêneros como imprescindíveis para o estabelecimento de qualquer atividade de linguagem, não são rijos, mas “relativamente estáveis”, ou seja, podem ser alterados, dependendo sempre das necessidades sociocomunicativas. Postas estas considerações, parte-se para análise do gênero Histórias em Quadrinhos. Discute-se como esse gênero foi constituído ao longo de mais de um século, para logo em seguida, demonstrar como elas estão sendo reconfiguradas nos suportes eletrônicos. As *webcomics* apresentam algumas inovações, sobretudo ligadas a questões temáticas, recepção e incorporação de elementos advindos de outros gêneros.

Palavras-chave: Gêneros discursivos/textuais. Histórias em quadrinhos. Webcomics. Ensino de português.

**ABSTRACT** - This paper aims to discuss some theoretical and methodological positions concerning textual and discursive genres. At first, it is necessary to understand genres as critical to the establishment of any language activity, that they are not rigid, but "relatively stable", i.e. they may be changed, transformed, depending on the socio-communicative needs. As these considerations are made, we proceed to analyze the genre comics. There is a lot of discussion about how this genre developed over more than a century, and then to show how it is being reconfigured in the electronic media. The webcomics present some innovations, particularly related to thematic issues, receiving and incorporating elements from other genres.

Keywords : Discursive/Textual Genres. Comics. Webcomics. Portuguese teaching.

### 1 Introdução

A questão que envolve os possíveis formatos que um texto pode assumir não é de hoje. Aristóteles foi um dos primeiros a se preocupar e classificar os textos de acordo com seus aspectos formais. Assim, nasciam as primeiras discussões a cerca dos gêneros. O filósofo organizou os gêneros em três grandes grupos: líricos, épicos e os dramáticos. Os autores que se propusessem a redigir, criar um texto, deveriam sujeitar-se a esses formatos. Assim, por exemplo, para elaborar uma tragédia teria que observar uma série de procedimentos formais. Vale lembrar que essas nomenclaturas atenderam primeiramente os gêneros literários daquele momento. As ideias de Aristóteles sobre gêneros tornaram-se hegemônicas, e a produção artística, durante muito tempo, deve que se submeter aos parâmetros aristotélicos. O Romantismo, surgido no final do século XVII na Europa, tinha como principal estandarte a liberdade criativa do artista. Assim, os princípios aristotélicos foram duramente criticados e combatidos, não era mais possível encapsular a expressão artística em formatos pré-estabelecidos. Desta forma, os gêneros literários passavam por um processo de hibridização, não era mais seguro afirmar com tanta propriedade que tal obra era filiada a um dado gênero, uma vez que ela poderia potencializar elementos compilados da épica, da lírica, da comédia etc.

Os gêneros não são mais uma pauta exclusiva da crítica literária; determinados setores da linguística moderna – sobretudo áreas como Análise do Discurso, Linguística Textual etc - também abordam essa problemática. A investigação linguística não faz distinção entre textos literários ou não, todo e qualquer espécie é válida – texto entendido aqui enquanto materialização tanto na modalidade escrita quanto oral. Este artigo traz a tona algumas dessas discussões, e em especial, volta-se para análise de um tipo de texto emergente, as *webcomics*. As reflexões encontram-se organizadas da seguinte forma: em um primeiro

momento, algumas concepções relacionadas à ideia de texto e gêneros discursivos/textuais são apresentadas. Logo em seguida, um breve histórico das HQs e como esse gênero foi sendo (re)construído ao longo de mais de um século. E por fim, apresentamos sua versão no ciberespaço, as *webcomics*, e em que medida esse novo suporte modifica as formas de leitura, recepção e formatação desse gênero.

## 2 Um pouco sobre gêneros discursivos/textuais



Figura 1 – Níquel Náusea

FONTE: GONSALES, Fernando (2004 p.3)

A tirinha de Gonzalez, que abre este trabalho, apresenta algumas características sobre os gêneros discursivos/textuais que merecem nossa atenção. Observar, por exemplo, que na emergência enunciativa, no ato sócio-comunicativo, sempre mobilizamos um tipo de texto. De acordo com Marcuschi apud Antunes (2011, p. 29) “No momento que alguém abre a boca para falar, começa um texto”. Ou seja, tomamos um formato que pré-existe e o adequamos ao evento. Assim, se estamos em um congresso de lingüistas apresentando um seminário, lançamos mão dos formatos instituídos, construídos ao longo da história e os utilizamos. O gênero em questão emprega termos próprios dessa esfera de atuação, não faz sentido, por exemplo, em um evento assim utilizar jargões ou expressões da engenharia ou física. As palavras podem até serem as mesmas, mas assumem circunscritas nesse interior, significados próprios, comuns dentro desse domínio. Da mesma forma, se logo em seguida, vamos a uma espécie de *happy-hour* com amigos, trocamos, mudamos de gênero, incoerente seria mantermos o mesmo grau de formalidade ou monitoramento da língua em situações como essa, nesse caso, apanhamos um formato mais “livre”, mais comum.

Bakhtin não se preocupou em classificar os gêneros, o que prevaleceu para o autor foram as funções sócio-verbais e ideológicas dos textos (Marcuschi, 2005), a divisão quase minimalista idealizada por Bakhtin estaria muito mais vinculada às esferas de circulação ideológicas e menos em seus aspectos formais.

A diferença entre os gêneros primário e secundário (ideológico) é extremamente grande e essencial, e é por isso mesmo que a natureza do enunciado deve ser descoberta e definida por meio da análise de ambas as modalidades; apenas sob essa condição a definição pode vir a ser adequada à natureza complexa e profunda do enunciado (e abranger as suas facetas mais importantes); a orientação unilateral centrada nos gêneros primários redundava fatalmente na vulgarização de todo o problema (o behaviorismo lingüístico é o grau extremado de tal vulgarização). A própria relação mútua dos gêneros primários e secundários e o processo de formação histórica dos últimos lançam luz sobre a natureza do enunciado (e antes de tudo sobre o complexo problema da relação de reciprocidade entre linguagem e ideologia) (BAKHTIN 2003, p. 265)

O autor denota a implicada relação entre ambos. Ou seja, nascidos na emergência comunicativa, os gêneros primários são a base para a construção dos gêneros secundários. A conversa realizada em um debate entre economistas, por exemplo, tem como ancestral “primitivo” a mesmíssima conversa realizada em um boteco entre amigos de longa data. O *plus* se dá justamente pelo evento, nas relações sociais mais complexas

ali estabelecidas e nas finalidades, que fogem das questões meramente privadas. Para Dolz e Scheuwly, os gêneros secundários:

Não estão mais ligados de maneira imediata a uma situação de comunicação; sua forma é frequentemente uma construção complexa de vários gêneros cotidianos que, eles próprios, estão ligados a situações; resultam de uma disposição relativamente independentes do contexto imediato (DOLZ; SCHEUWLY, 2004. p. 32)

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, isto é, muito dependente da leitura e da escrita, o que nos permite dizer que diariamente, em nossas atividades, lidamos, falamos, lemos ou escrevemos gêneros discursivos/textuais diferentes. Nessas situações geralmente lidamos com textos mais institucionalizados, mais resistentes a modificações. Como exemplo, uma nota promissória, um contrato de aluguel, um recibo de venda. Essa rigidez não é característica apenas de gêneros secundários. Pense, por exemplo, no âmbito doméstico, uma lista de compras. Os gêneros, todos, de certa forma, gozam de uma certa “estabilidade”, são determinadas diretrizes que precisam ser devidamente observadas dentro do campo de atuação comunicativa. Dentro dessas esferas, os gêneros seriam condicionados por forças centrípetas e centrífugas. As primeiras condicionam sua estrutura, garantem seu reconhecimento e seu potencial comunicativo. As forças centrífugas são uma abertura para a desconstrução, potencializam seus usos e sentidos. Justifica-se essa paradoxalidade na medida em que gêneros estão indissolúvelmente atrelados às atividades laborais humanas, estas por sua vez, fincadas em um solo histórico instável. Para Marcuschi:

(...)os gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social. Fruto de trabalho coletivo, os gêneros contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia. São entidades sociodiscursivas e formas de ação social incontornáveis em qualquer situação comunicativa. No entanto, mesmo apresentando alto poder preditivo e interpretativo das ações humanas em qualquer contexto discursivo, os gêneros não são instrumentos estanques e enrijecedores da ação criativa. Caracterizam-se como eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos. (MARCUSCHI, 2007. p. 20)

Já havíamos mencionado que esta estabilidade nos permite interagir, reconhecer os gêneros. Desta forma, ao lermos um texto que se inicia “era uma vez” sabemos que pode se tratar de um conto de fadas. Entretanto, essa mesma estabilidade não deve ser entendida como uma espécie de camisa de força, ao contrário, essa relativa formatação nos permite a apropriação de elementos de um dado gênero para a criação de outros, ou utilizando o mesmo gênero dentro de outras esferas de atuação, para diferentes finalidades. Veja o exemplo da tirinha abaixo como isso pode se dar:



Figura 2 – Aline

FONTE: ITURRUSGARAI, Adão. (2004)

Em Curitiba, há cerca de dois anos, uma campanha publicitária visava atentar aos motoristas dos perigos de se falar ao celular dirigindo. O texto dizia mais ou menos assim “Era uma vez um motorista no celular”. O texto publicitário apropriou-se de parte de um gênero. Nesse trânsito de uma esfera para outra, as expressões “eram uma vez” adquirem outros sentidos, são revestidas de outros significados que objetivam diferentes atitudes dos seus possíveis interlocutores. Em contrapartida, podemos também negar um texto que

não atenda aos critérios mínimos de sua configuração. A adequação ao a um determinado tipo de gênero também faz parte dos critérios de textualidade, nesse caso, a aceitabilidade. De acordo com Costa Val

(...) a aceitabilidade, que concerne à expectativa do receptor de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-los a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor. ( COSTA VAL, 2006, p. 11)

A tira que inicia este texto evidencia essa questão: o (re)conhecimento do gênero piada permite aos dois personagens negar o texto produzido pelo Rato Router como tal. Koch (2006) menciona que todos os falantes possuem uma espécie de competência metagenérica, essa capacidade nos é desenvolvida à medida que travamos contato, conhecimento e também na produção de gêneros variados. Quanto maior o repertório de gêneros com os quais o sujeito interage, sua competência na produção e no reconhecimento também se amplifica. Por exemplo: dominamos como ninguém o gênero bate-papo. É um gênero que aprendemos nas nossas relações sociais mais imediatas. Entretanto, se formos convidados, pela primeira vez, a dar uma palestra, um curso, nos sentimos intimidados. Não é porque não sabemos falar, a insegurança decorre justamente da falta de contato com o gênero em questão, não sabemos como “constituí-lo” nesse espaço e para esses interlocutores.

Nesse aspecto, a escola exerce um papel fundamental. Justamente porque cabe a essa instituição apresentar e trabalhar com esses diferentes gêneros discursivos. A esse respeito, o PCN de Língua Portuguesa diz:

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino. Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. (MEC, 1998, p. 23)

Para Bezerra (2007) circulam na sociedade uma grande variedade de textos, solicitados nas mais diferentes esferas de atuação humana. A escola tem o papel fundamental de ampliar o repertório textual do aluno. Agindo assim, assegura o desenvolvimento de suas competências linguísticas, textuais e comunicativas, “possibilitando-lhe uma convivência mais inclusiva no mundo letrado de hoje.” (BEZERRA, 2007 p. 43). Adiante afirma:

Assim, a ênfase na leitura, análise e produção de textos narrativos, descritivos, argumentativos, expositivos e conversacionais, considerando seus aspectos enunciativos, discursivos, temáticos, estruturais e lingüísticos (que variam conforme as situações comunicativas), caracteriza-se como uma das renovações mais apregoadas no ensino de nossa língua, embora ainda tenha insuficiente praticada. (BEZERRA 2007, p. 43)

Há alguns cuidados que precisam ser tomados nessa perspectiva. As teorias que orientam um trabalho mais voltado para o ensino e aprendizagem de gêneros discursivos/textuais correm o risco de serem mal interpretadas. Um desses equívocos diz justamente sob a forma como os gêneros são apresentados. Não se ensina gêneros discursivos/textuais impingindo uma lista de elementos composicionais, determinando que carta, por exemplo, compõe-se de destinatário, remetente, local e data. O que é preocupante é a negação do acesso do gênero aos alunos, ou seja, eles não escrevem cartas para diferentes interlocutores, não experimentam as diversas finalidades (cartas de reclamação, de amor etc.) e não aprendem algo fundamental sobre os gêneros: que os tais elementos “obrigatórios” na sua composição podem ser modificados, alterados e até mesmo utilizados em outros gêneros, em outras esferas da atividade humana. Nesse entendimento errôneo, não há evolução metodológica no que diz respeito ao trabalho com gêneros se comparado ao que se fazia antes, na prescrição gramático-normativa, estamos na verdade, trilhando os mesmos passos dados no

passado, apenas trocando, digamos assim, o modelo do calçado. Ao invés de ensinarmos nomenclatura gramatical, damos agora “receitinhas” de que são feitos os textos. Marcuschi atenta para esse fato:

Os gêneros não são entidades naturais como as borboletas, as pedras, os rios e as estrelas, mas são artefatos culturais construídos historicamente pelo ser humano. Não podemos defini-los mediante certas propriedades que lhe devam ser necessárias e suficientes. (MARCUSCHI, 2007, p. 32)

O autor continua dizendo que há gêneros que ainda o são mesmo carecendo de um elemento ou outro. Da mesma forma, há gêneros, como os publicitários, que “tomam emprestado” determinadas características de outros gêneros para constituição de seus enunciados. Vimos isso no texto publicitário que “cita” um elemento típico dos contos de fadas. Veja, por exemplo, como na tira abaixo, o texto, embora sendo de uma esfera completamente diferente dos demais, assume a mesma função dos contos de fadas.



Figura 3 – Turma da Mônica,

FONTE: SOUZA, Maurício de (2011)

Em resumo, vimos como é impossível toda a forma de produção de linguagem sem que ela se assente em algum gênero discursivo/textual. A sua estrutura se localiza entre duas tensões: no limite de uma tradição que o consolidou e na possibilidade desse formato ser modificado, atendendo motivações diversas. Uma dessas modificações diz respeito ao suporte em que o gênero é veiculado. Hoje assistimos as grandes inovações provocadas pelo ciberespaço. Muitos gêneros transpostos para esse suporte sofreram significativas reestruturações. Pense na própria dicotomia escrita e fala. A internet mostrou que os limites entre essas duas modalidades tornaram-se muito imprecisas, nebulosas. Como não poderiam ser diferentes, as HQs, ao serem veiculadas nesse suporte, incorporariam novas significações, novos leitores e também, receberiam elementos até então impossíveis no suporte físico. Mas estas são palavras para a próxima seção.

## 2.1 Uma brevíssima história de um gênero plural

As HQs tais como conhecemos hoje se consolidaram há mais de um século. Não houve um inventor solitário, mas uma série de artistas inovadores, que contavam além de sua criatividade, ferramentas, tecnologias que possibilitaram a publicação e divulgação das HQs. Há quem veja resquícios desse gênero nas pinturas rupestres, nos vitrais das igrejas góticas. O recorte pode ser mais recente, e assumir que esse gênero surgiu apenas com consolidação de um novo suporte, o jornal diário.

A evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas, fundamentadas em uma sólida tradição iconográfica, criaram as condições necessárias para o aparecimento das histórias em quadrinhos como meio de comunicação de massa. (VERGUEIRO, 2008, p. 10)

Nasceram para fazer rir, as caricaturas de figurões políticos ou da vida doméstica são seus ancestrais mais diretos. Nesse período, as ilustrações eram acompanhadas de legendas. Não tardou

muito para que o elemento mais típico dos quadrinhos fosse criado – o balão. A invenção parece muito simples: uma espécie de círculo com um apêndice que seguia em direção da boca do personagem. Foi *Yellow Kid* (1895), criação de Outcault, que “falou” utilizando esse recurso. O texto agora estava incorporado ao desenho, dentro da própria vinheta e não fora dela. Ao longo dos anos, o balão assumiu recursos expressivos impressionantes. Dependendo do formato do balão, das fontes, das cores utilizadas, eles contribuem para a percepção de características das personagens bem como fundamentais para o desenvolvimento da narrativa (Ramos 2008).

As HQs se multiplicaram e ganharam suportes próprios. Seus autores se libertaram da temática do humor, surgiram os super-heróis, as narrativas de mistério, suspense, o drama e os quadrinhos eróticos. Uma profusão de estilos, dos mais caricatos – típicos das tiras de humor, ao mais realistas. O seu público também foi se especializando. Hoje não é possível dizer que as HQs é um gênero, de acordo com Ramos (2009), é mais lícito dizer que é um gênero que comporta muitos outros.

Mesmo tão populares, as HQs ainda são um gênero que luta para conquistar seu espaço e respeito. Recentemente uma polêmica envolvendo esse gênero esteve na pauta da imprensa. A Secretaria Estadual de Educação do Estado de São Paulo havia selecionado a obra “Dez na Área, Um na Banheira e Ninguém no Gol”, da editora Via Lettera, para o programa que distribui livros às bibliotecas escolares do Estado. A obra em questão apresentava palavrões e nudez. O fato foi amplamente explorado pela mídia. Ramos (2009) coletou algumas das frases proferidas no calor do debate:

Eu achei um horror isso

19.05 - Governador José Serra, em entrevista ao "SPTV 1ª Edição", telejornal local da TV Globo

- Queria saber como isso foi parar nas escolas. Eu sou mãe, o senhor também tem família, filhos, netos. A gente fica até assustado quando acontece uma coisa dessas.

19.05 - Carla Vilhena, apresentadora do "SPTV 1ª Edição", na formulação de pergunta a Serra

- Eu aliás achei de muito mau gosto. Desenho, tudo

19.05 - Governador José Serra, na mesma entrevista ao "SPTV 1ª Edição

Cada uma desses enunciados revela ainda um enorme preconceito em relação aos quadrinhos. Evidencia-se aí o decalque indissolúvel do gênero a um público, neste caso, o infantil. No esteio, seguem-se também os discursos que afirmam que as HQs não seriam material apropriado para a leitura, uma vez que as imagens limitariam futuramente os processos de compreensão. Os quadrinhos só seriam relevantes se forem usados como uma espécie de trampolim para leituras mais complexas, maduras. (Pivovar 2007).

Polêmicas a parte, as HQs são cada vez mais presentes em questões de vestibular e em concursos. O mercado nacional vive uma explosão de adaptações de obras literárias e é crescente a aceitação dos quadrinhos nos programas de bibliotecas públicas. Vergueiro (2008) enumera algumas razões que justificam o trabalho com este(s) gênero(s) na sala de aula. As justificativas são variadas, vão desde a proximidade do gênero junto ao público jovem, até algumas vantagens que as HQs oferecem para a leitura – a utilização de linguagem verbal e não-verbal conjugadas, por exemplo.

### 3 Webcomics: novas configurações das HQs

Como já assinalamos, os gêneros estão em constante modificação, transformação. À medida que novas atividades humanas são criadas, desenvolvidas, novos gêneros emergem justamente para atender às novas demandas. Assim, vimos naufragar os manuais de datilografia, dos cursos que pipocavam nos anos 1970 e 1980. Os manuais “sumiram” porque foram suplantados por outra tecnologia, e cederam lugar para outros tantos gêneros que vieram com o advento das mídias eletrônicas.

A internet, possivelmente, serve de suporte para quase todos os gêneros existentes. Esse espaço também contribui para a criação de novos gêneros. De acordo com Marcuschi:

De maneira geral, a comunicação mediada por computador abrange todos os formatos de comunicação e os respectivos gêneros que emergem nesse contexto. Futuramente, é provável que a expressão *internet* assuma a carga semântica e pragmática do sistema completo, já que se trata da rede mundial de comunicação ininterruptamente interconectada a todos os computadores ligados a ela. (MARCUSCHI, 2008, p. 199)

Para o autor, os novos gêneros são, na verdade, uma espécie de “contraparte” de um já existente (ou quase extinto). Assim, o chat teria como sua contraparte a conversa trivial, o famoso bate-papo. Da mesma forma, as HQs teriam como “parente” virtual, as *webcomics*, os quadrinhos criados especificamente para a mídia eletrônica. McCloud (2006), um dos mais importantes teóricos dos quadrinhos da atualidade, analisa o impacto do ciberespaço na produção e recepção dos quadrinhos. Segundo ele, as HQs de hoje vivem um momento de crise criativa: as grandes editoras temem investir em novos formatos cujas temáticas fujam do esquema super-herói/supervilão. É muito mais rentável e menos arriscado permanecer nesses gêneros. Vale lembrar que da mesa de criação do artista até as lojas especializadas em HQs há uma série de intermediários, nesse processo todo. Isso encarece a produção de quadrinhos e, portanto, quanto menos riscos correr, melhor. Consequentemente, os artistas que não se encaixam nessa indústria, não publicam e não têm seus trabalhos divulgados.

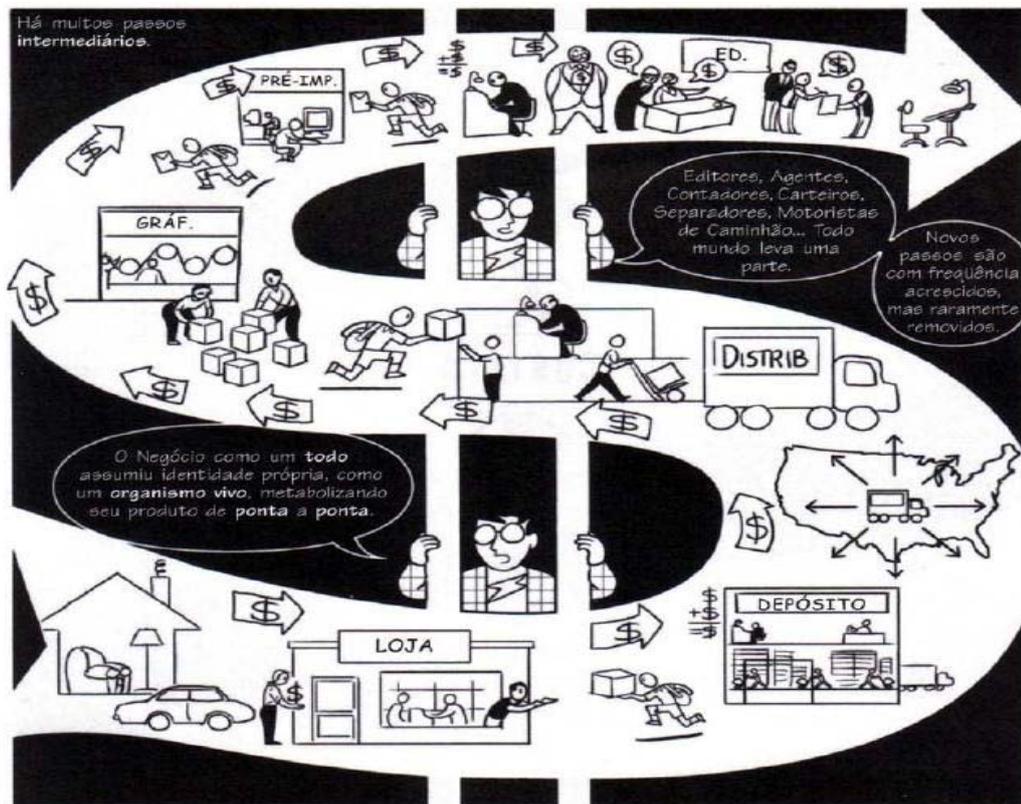


Figura 5 – Reinventando os quadrinhos, de Scott McCloud

FONTE: MCLLOUD. Scott (2006 p.71)

A popularização da internet e também das ferramentas para a edição de imagens, possibilitou que esse longo caminho entre autor e leitor fosse abreviado. As *webcomics* fogem desse esquema, pois não há intervenção das grandes corporações. A relação com o seu público é quase direta e instantânea (McCloud 2006). O ciberespaço é um dos territórios mais democráticos que se tem notícia. Para Galli

Grande parte dos avanços tecnológicos está no processo evolutivo da comunicação, conduzido-se para uma maior democratização da informação e, consequentemente, do

saber. A comunicação virtual introduz um conceito de descentralização da informação e do poder de comunicar. Todo o computador, conectado à internet, possui a capacidade de transmitir palavras, imagens e sons. Não se limita apenas aos donos de jornais e emissoras; qualquer pessoa pode construir um site na internet, sobre qualquer assunto e propagá-lo de maneira simples. (GALLI, 2010, p. 152)

As *webcomics*, se comparada com sua contraparte “física”, revelam uma imensa quantidade de gêneros, temáticas e estilos diferentes. As lojas especializadas em HQs ou bancas de revistas, oferecem ao público uma quantidade ínfima de gêneros. As versões digitais vão muito além. Um simples clique no site [www.tirasnacionais.com.br](http://www.tirasnacionais.com.br) nos revela uma quantidade imensa de artistas, valendo-se dos mais variados estilos e gêneros. Há desde tirinhas com o formato a que estamos habituados, até HQs que inovam incorporando outros elementos como animações em *flash* e sons. É uma imensa biblioteca que supera em muito as obras disponibilizadas em gibitecas ou em lojas.

McCloud (2006) aponta outra inovação promovida pelas *webcomic*: a possibilidade de novas formas de leitura. Nova forma não seria o termo mais adequado, para o autor, o ciberespaço libera o interlocutor da habitual camisa de força da leitura impressa a qual estamos habituados. Lê-se quadrinhos deste jeito porque foram submetidos aos limites da página impressa. O autor destaca obras consideradas precursoras desse gênero em que a leitura seguia por outros rumos. A Coluna de Trajano, construída no ano 113 d.C, apresenta uma narrativa visual em uma espiral ascendente. Além dessas configurações, os protoquadrinhos podem apresentar ainda uma leitura em ziguezague e tantas outras formas quanto possíveis. Nisso reside a grande diferença entre HQs em suporte material e as *webcomics*, esse último, a possibilidade de ocuparem uma “tela infinita” com inúmeros caminhos de acesso ao texto. Sobre essa característica do hipertexto, Bellei afirma:

A escrita eletrônica, marcada pela possibilidade de conexões imediatas entre blocos de significados interligado em um vasto banco de dados, constitui uma nova forma de textualidade que altera significativamente o significado do ato de ler e dos conceitos de autor e leitor. O que caracteriza formalmente essa nova forma de textualidade é o que se poderia chamar de paradigma de rede mais ou menos aberta, em contraste com o paradigma da linha. Em uma rede, um ponto liga-se a outro não em termos de horizontalidade da linha e da progressão de começo, meio e fim. Liga-se, antes horizontal e verticalmente a todos os outros pontos da rede, em uma estrutura marcada pela conectividade, pela descentralização e pela dispersão. (BELLEI, 2005, p. 499)

O site [www.tirasnacionais.com.br](http://www.tirasnacionais.com.br) além de ser um grande almanaque virtual de HQs, abusando de temáticas e estilos que dificilmente encontramos nos suportes tradicionais, também possibilita inúmeras formas de leitura. Há um imenso banco de dados, com todas as histórias publicadas desde 2005. Além disso, ao clicar nas histórias contidas na página, há chance de visitar a página do autor, nessa página podemos navegar por outros links – os favoritos do autor – que por sua vez também nos pode conduzir a outros favoritos, em um movimento *ad infinitum*.

### **Considerações finais**

As *webcomics* como qualquer gênero emergente, de sua contraparte, as HQs, empresta determinados aspectos formais, entretanto, agrega também as inovações promovidas pela internet. Além de suas possíveis reconfigurações, também gozam de uma liberdade temática bem diferente de seus “primos”. A ausência de intermediários no processo que compreende da elaboração à recepção garante essa liberdade temática e formal. Todos esses aspectos colaboram para a teoria de que os gêneros são “relativamente estáveis”, ou seja, estão em constante transformação e adaptação. Os hibridismos ocorrem justamente porque novas tecnologias surgem e com elas, novas formas de atuação humana. Essas são algumas prerrogativas que devem ser observadas quando se ensina de gêneros discursivos/textuais na escola. Os quadrinhos em meio eletrônico podem ser um grande aliado nesse sentido, uma vez que, unem ao mesmo tempo, os aspectos reconhecidamente típicos de sua contraparte, mas, também, apresentam elementos que relativizam essa formatação.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irlandé. **Análise de textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARBOSA, Alexandre; RAMA, Angela; RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro, (orgs). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2008.
- BELLEI, Sérgio. Autores, leitores e a nova textualidade. In: **Cultura letrada no Brasil: objetos e práticas**. Márcia Abreu; Nelson Schapochnik (orgs). Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.
- BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização Roxane Rojo. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004
- GALLI, Fernanda Correa Silveira. Linguagem da internet: um meio de comunicação global. In: **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. Luiz Antonio Marcuschi; Antonio Carlos Xavier, (orgs). São Paulo: Cortez, 2010.
- GONSALES, Fernando. **Níquel Náusea: vá pentear macacos!** São Paulo: Devir, 2004.
- ITURRUSGARAI, Adão. **Aline**. Folha de São Paulo, São Paulo, 03/06/2004, Seção Quadrinhos. Disponível em < <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/quadrin/f31206201106.htm>>. Acesso em 03/06/2004.
- KOCH, Ingedore Villaça. ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2006
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros Textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Acir Mário; Beatriz Gaydeczka; Karim Siebeneicher Brito (orgs). Palmas e União da Vitória, PR: Kaygangue, 2005
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros Textuais: definição e funcionalidade. In BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel (orgs). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.
- MCCLOUD, Scott. **Reinventando os quadrinhos**. São Paulo: M. Books do Brasil, 2006
- MEC (1998). **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa**. Brasília, MEC.
- PIVOVAR, Altair. **Escola e histórias em quadrinhos: O agon discursivo**. 216 f. 2007 Tese (Doutorado) – Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.
- RAMOS, Paulo. **A leitura dos quadrinhos**. São Paulo: Contexto, 2009.
- RAMOS, Paulo. **Frases que ficaram do caso Dez na Área**. Blog dos Quadrinhos. São Paulo, 20/05/2009. Disponível em <<http://blogdosquadrinhos.blog.uol.com.br/>>. Acesso em: 30 de maio de 2011.

SOUZA, Maurício de. **Tiras da Turma da Mônica**. Portal da Turma da Mônica. Disponível em <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em 02 de junho de 2011.